

DE CINEMA

CINEMA, ARTE SUBMETIDA

PORQUE é que o cinema, cujas possibilidades illimitadas lhe abrem campo sem fim para os mais dilatados vôos e cujo progresso técnico se acentua duma forma incrível de dia para dia, não nos dá senão raramente obras que saiam verdadeiramente da vulgaridade, que valham, esteticamente, mais do que as outras, que adiantem um passo dentro do campo artístico, que subam um pouco, por aquilo que encerrem de novo, de original e de fecundo, na escala sem limites que tem a seu alcance?

De facto, se o cinema fôsse apenas aquilo que muitos julgam que é ou querem que seja, apenas artigo de compra e venda, apenas anódina e digestiva atracção agarrada eternamente à má literatura e ao pior teatro, não valia a pena ligar-lhe grande importância, e muito menos lamentar-lhe a sorte, quando o vemos tão baixo e tão desprezado.

Mas não, o cinema não é isso. Subjugado, envilecido por vezes, incompreendido por aqueles que dele se servem, o cinema consegue ainda muitas vezes mostrar aquilo que vale, evadir-se das cadeias que o oprimem, apontar aquilo de que seria capaz se não fôsse, por condição, uma indústria e uma indústria complicadíssima e de formidável engrenagem.

Talvez, no século que vem, os críticos considerem o cinema como um produto de engenharia multipessoal, como o automóvel. Por, agora, todavia, temos de ver no realizador o factor decisivo na criação dum filme, mesmo feito em Hollywood. Ora, a-pesar-da sua proficiência técnica, Hollywood pouco mais nos dá do que três ou quatro filmes por ano que, esteticamente, valham coisa de notar.

A explicação de tudo isto dá-a assim o crítico americano Dwight Mac Donald: «Para o ar-

tista criar, ainda que coxeando, êle deve acreditar em qualquer coisa — realismo, romantismo, nacionalismo; a sua própria importância, seja o que fôr, isso não importa. Deve ter ideias fixas de qualquer espécie e sentir um certo orgulho em as manter. Deve deixar-se dirigir por uma pressão exterior, duma maneira mais ou menos larga, segundo o seu temperamento, mas o seu sentido de integridade deve esboçar-se algures».

Nada disto se encontra mesmo nos mais talentosos realizadores de Hollywood. Não são artistas. São artífices, especialistas, técnicos que produzem talvez com abafado aborrecimento ou indignação, seja o que fôr que a indústria lhes requiera.

Às vezes um realizador talentoso consegue um bom assunto e o resultado é dar-nos um filme que é, ao menos, superficialmente, interessante. Mais frequentemente, realizadores capazes estragam-se com histórias sem esperança. Ainda que o material de que se serve seja ou não congénito, o realizador aceita-o sem protesto e deita mãos à obra submissamente. Ora assim não se podem fazer obras de arte.

Há qualquer coisa que falta nos filmes americanos, mesmo nos melhores, e que é o sentido de convicção pessoal.

Infelizmente, este estado de coisas não pode mudar com facilidade. O cinema é uma arte que tem de estar eternamente acorrentada à indústria que criou. Não tem salvação.

Não se afundará porque a vida que encerra é demasiado forte e fecunda, porque poderá, ainda, evadir-se uma vez por outra. Mas não esperamos quixotesicamente a sua libertação total, porque ninguém se atreverá a ser o Messias de si próprio.

Alves Costa.

A proposito de um filme colorido

NADA houve de bastante interessante, nestes últimos dias, nos cinemas do Porto.

Sómente uma produção terá podido reter a atenção dos amadores pelo processo empregado na sua realização — o «tecnicolorido», tornado já popular pelos desenhos animados e por um pequeno complemento «A Cucaracha», mas que até agora não tinha sido aplicado a um filme de longa metragem.

Não insistirei sobre o assunto do filme, uma *blague* americana sem invenção, pitoresca apenas pela época e país em que se situa, e onde não se encontra nem a concepção fantasista da aventura, nem a glorificação poética do músculo que fizeram o maior encanto dos primitivos do cinema americano.

Por esse lado não se pode exigir rigor ao realizador do filme, cuja única aspiração era a de levar a cabo uma experiência técnica; o seu esforço não teve outra ambição a não ser a do triunfo no domínio das cores; o mal é que êle não o conseguiu, pelo menos completamente. As cenas de dia e de exterior onde se afirma a procura da verdade dos tons, são desastrosas e conduzem a uma inverosímil mistura de tintas quentes e frias, de valores, a uma penosa cacafonia colorida, que em nada difere das realizações do passado. Contudo não podem falar de fracasso completo, porque as partes do filme tomadas no estúdio, com iluminação de noite, foram completamente coroadas de êxito.

Se algumas imperfeições técnicas subsistem ainda,

como, por exemplo, a falta de nitidez de certas imagens em que os movimentos rápidos deformam os objectos, baralhando as cores, não é menos verdade que os tons, puramente fantasistas, são por vezes extremamente belos, certas cores mesmo, os ouros, os vermelhos, os azuis e os verdes sombrios, ricos e quentes juntam à *mise-en-scène* um elemento decorativo dos mais agradáveis.

É necessário sobretudo considerar que este *Pirata Balarino* não é outra coisa senão um agregado de elementos pitorescos unicamente concebidos para serem postos em cor; a realização foi feita ao invés da lógica, realizando-se um filme para afirmar uma técnica e não submetendo a técnica ao filme. É provável que se se aplicassem as cores do «*Pirata*» a um filme feito para si próprio o resultado tivesse sido menos animador. Salvo em momentos muito raros, em que o resultado poderia justificar o seu emprego, é impossível encargar o uso do tecnicolorido nos filmes de longa metragem, pelo menos por agora porque, sabe-se lá o que neste sentido nos trarão os progressos da técnica? Muito dos que condenaram o sonoro a uma morte rápida, quando dos seus tristes princípios, reconhecem hoje tudo o que êle trouxe de potência e encantamento à expressão cinematográfica. Evitemos pois condenar o filme colorido que nos reserva talvez as mesmas surpresas.

Pierre de la Rue.

Ferreira de Castro colaborará em «SOL NASCENTE»

SOL NASCENTE

12